

WADE, Cleo. **O que a estrada me disse**. Rio de Janeiro: Galerinha Record, 2021. 40 p.

UMA ESTRADA FALANTE QUE NOS INCENTIVA A SEMPRE SEGUIR EM FRENTE

Cristiane Pereira¹
Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC)
cristianep@mx2.unisc.br

As canções populares e histórias infantis geralmente colocam as crianças diante de uma estrada que lhes causa medo, afinal de contas, uma estrada pode apontar inúmeras direções, umas que vêm, outras que vão, curvas sinuosas, encruzilhadas e diversos paradeiros. Mas, e se diante da pergunta “para que lado eu vou?”, uma estrada falasse: “-A escolha é sua” (Wade, p. 12)?

Uma estrada que fala? Sim, uma estrada falante que nos incentiva a sempre seguir em frente. *O que a estrada me disse* é uma história encantadora escrita por Cleo Wade, artista, poeta e ativista estadunidense, e traduzida pela poeta carioca Bruna Beber. As ilustrações, que enriquecem a obra e levam o leitor à sensação de caminhar por diversas estradas, ficaram a cargo de Lucie de Moyencourt, arquiteta, cenógrafa, ilustradora e pintora parisiense.

Quem de nós, na estrada da vida, não teve vontade de seguir um caminho diferente daquele já trilhado? Quem de nós já não pensou em apreciar novas paisagens, semear outros canteiros ou interromper a caminhada para um banho de mar? Quem de nós, por medo de escolher o lado errado, já não abandonou o sonho, não desistiu da mudança, não recuou diante de um obstáculo? Caminhar por uma

¹ Cristiane Pereira, doutoranda em Letras pela Universidade de Santa Cruz do Sul – Unisc, bolsista CAPES, atualmente desenvolve pesquisa na área de concentração “Estudos de mediação em leitura”. Mestre em Letras pela Unisc, possui graduação em Letras/Português/Espanhol e respectivas literaturas pela Unisc e graduação em Pedagogia pelo IFSUL - polo Venâncio Aires. É professora de Literatura e Português no Colégio Gaspar Silveira Martins - Venâncio Aires, onde coordena o Projeto Literário. Tem pós-graduação em Coordenação Pedagógica pela UFRGS e especialização em AEE pela Faculdade São Luís EAD.

estrada nova exige decisões constantes. Há os que protegem os pés para caminhar, assim como há aqueles que caminham descalços. Há os que caminham a favor do vento, como há os que preferem marchar contra ele, cuja maior dor é não ser colorido. Há também os que caminham na chuva, os que caminham cantando e seguindo a canção, há aqueles que preferem caminhar sozinhos, seguindo a sua intuição, e há os que preferem caminhar juntos, voando como os pássaros, seguindo a mesma direção. Em *O que a estrada me disse*, aquela que guia só cumpre sua missão mediante as escolhas de quem deseja ser guiado.

Lançado em 2021, pela Galerinha Record, o livro de Wade encoraja jovens leitores de todas as idades a viverem um dia de cada vez. Ao personificar a Estrada e apontá-la como amiga de uma menina com quem conversa do início ao fim da narrativa, a autora lembra que é preciso ter coragem diante de um sentimento que pode destruir as chances de muitas aventuras: o medo.

O título da obra, apresentado na capa, sugere a imagem de pegadas que são deixadas no caminho, conforme a vontade da menina. A estrada apresentada, cercada por uma natureza ensolarada, tem continuidade a cada página, contrastando com elementos que compõem uma cidade.

Logo no início da narrativa, a protagonista, uma garota de cabelos amarelos e revoltos, revela estar voltando para casa (talvez estivesse na escola), pelo caminho de sempre quando, de repente, surge uma estrada de chão batido disposta a lhe fazer companhia, não somente nos dias bons, mas também nos momentos de solidão, medo e confusão. Quando indagada sobre para onde irá levá-la, a senhora dos diferentes paradeiros e das leves curvas, que parecem um abraço, sugere que a menina seja a guia da sua própria história e que não tenha pressa: “Aproveite o início e o meio do caminho” (Wade, 2021, p. 11).

Mas o que pode significar para uma criança aproveitar o início e o meio do caminho? E para um adolescente? E para um adulto? De acordo com o professor Jorge Larrosa Bondía, licenciado em pedagogia e em filosofia e doutor em pedagogia, “é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada

lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada lhe toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre” (Bondía, 2002, p. 25). O pedagogo acredita que a educação se dá através da experiência; e é justamente durante o itinerário, o qual tem como ponto de partida a infância, em que tais descobertas são possíveis.

A sensação é de que a Estrada pega a menina pela mão e, com muito cuidado, lhe apresenta a importância de mantermos vivas nossas versões mais corajosas, persistentes e destemidas. “Mantermos” porque a história acende a nossa criança interior, resgata o adolescente que precisa se encontrar e o adulto que deseja recomeçar seguindo o ritmo da natureza, caminhando e observando como crescem as ervas, como desabrocham as flores e se formam os rebanhos de nuvens no ar. A Estrada encoraja a menina a avançar sempre, mesmo diante da escolha errada: “Às vezes, vamos pelo caminho errado rumo ao certo” (Wade, 2021, p. 13), e apreciar a riqueza dos detalhes de tudo que está à nossa volta nos fortalece.

Ao continuar a caminhada, o diálogo entre as personagens se dá em meio a uma floresta sombria, onde a cor assume o papel de agente comunicador e reforça a parceria entre a linguagem verbal e a linguagem pictórica, característica marcante do livro infantil. As cores escuras representam o medo diante do novo; medo de tropeçar, de cair, de se machucar, de ficar cansada e de se sentir sozinha. Todavia, ao dar as respostas às perguntas infinitas da garota, além das palavras de amor e amparo proferidas pela Estrada, as imagens do mar, das estrelas e das terras férteis fortalecem a ideia de que tropeçar faz parte da vida de qualquer pessoa, e quando temos um propósito, prosseguir é o mais importante.

Em meio aos dias longos e tenebrosos, alguns elementos da natureza como luz, abrigo e proteção são apresentados para a garota que, desafiada, tem a oportunidade de se transformar. A transformação ocorre após uma lagarta e uma família de sementes serem apresentadas à viajante que, na sequência, é conduzida a um passeio pelas quatro estações do ano. Percorrido o grande ciclo de beleza, a menina se dá conta das transformações que ocorreram não só na natureza como

em sua própria vida, pois é conduzida a uma subida que representa crescimento e evolução em decorrência de uma passagem necessária.

Ao ganhar asas, a menina continua precisando de ajuda, pois apesar da metamorfose, o medo ainda a acompanha. O conselho da Estrada sobre a possibilidade de viajantes cruéis cruzarem o caminho da garota emociona o leitor, tanto quanto o modo como ela deve proceder, caso ocorram brigas e o ódio tente o domínio durante o trajeto. A senhora dos diferentes paraísos lhe diz que é preciso conduzi-los à bondade, à paz e ao amor e que, para isso, além de contar a sua história, a menina necessita exercitar a prática da escuta: “Escute as histórias que vão contar, conte as suas histórias e não deixe que se esqueçam de que vocês estão juntos nessa jornada” (Wade, 2021, p. 28)

A força do amor que transborda da alma da caminhante é reforçada pela ilustração de uma fogueira e seu poder de aquecer os corações amargurados. Acender a fogueira é dar uma chance àqueles que por diferentes motivos caminharam desenfreados, só viram manchas, “bocados do que existe, como se estivesse alguém a empurrar-vos” (Magalhães, 2005, p. 38), como escreveu Álvaro de Magalhães no poema intitulado “A tartaruga dirigindo-se aos homens”. Dada a chance através da escuta, há a possibilidade de o outro perceber que não está sozinho na caminhada e partir para um recomeço.

As dúvidas continuam à medida que as montanhas precisam ser escaladas; porém, diante do medo que paralisa e gela, a Estrada continua firme: “-Siga em frente, siga em frente, siga em frente, siga em frente” (Wade, 2021, p. 31)

O seguir em frente leva a menina que, de braços abertos, chega ao topo do mundo, mas nem por isso conclui sua jornada. Podemos entender, na verdade, que apenas uma etapa chegou ao fim, mas novos desafios virão; novos combates nos permitirão descobrir do que somos capazes. E do que somos capazes? São milhões de possibilidades pulsando e esperando para ser. Já parou para pensar que podemos ser o que quisermos se nos permitirmos recomeçar? De todas as promessas de recomeços, quantas você realmente pôs em prática? Todos os dias

temos a oportunidade de mudar. Recomeços são mudanças. Que tal começar pela leitura desta obra e descobrir o que a sua Estrada tem a lhe dizer?

Referências

DBONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência.** Rev. Bras. Educ. [online]. 2002, n. 19, p. 20-28.

MAGALHÃES, Álvaro. **O brincador.** Porto: Asa, 2005.

WADE, Cleo. **O que a estrada me disse.** Rio de Janeiro: Galerinha Record, 2021. 40 p.

Recebido em: 25/05/2025

Aprovado em: 25/03/2026